

Preocupações Bioéticas de uma Interna de Especialidade

De uma interna para internos

Actualmente, verificamos que o ensino da Ética e Deontologia Médicas tem assumido um papel cada vez mais proeminente no currículo médico dos estudantes de Medicina a nível mundial [1] À semelhança do que se passa nos outros países da Europa, no nosso país, a Ética Médica está solidamente integrada nos currículos dos cursos de Medicina das Faculdades, embora de forma heterogénea no que respeita à metodologia de ensino, horas de formação e método de avaliação. [2] Paralelamente ao ensino da Ética aos Estudantes de Medicina, tem-se-lhe atribuído uma importância igualmente crescente no âmbito da formação médica contínua pós-graduada. [2]

Após terminar o curso de Medicina, tão estruturado e com um currículo geralmente fixo e pouco propenso a variações, o jovem Médico depara-se com um período único na sua vida profissional e, tal a sua influência, eu diria também pessoal: o Internato Médico. Assim, durante alguns anos, o recém-licenciado em Medicina “indiferenciado” vai contactar de forma profunda e quotidiana com uma determinada área do “saber médico”, adquirindo um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos, dotando-se de capacidades que o tornarão “especialista” alguns anos mais tarde. Trata-se, inegavelmente de uma fase profissional marcante e revestida de enorme importância, emoção, vontade de aprender e ascensão a uma autonomia crescente na nossa profissão.

Após ter realizado uma pesquisa aprofundada em motores de busca apropriados, facilmente verifiquei a escassez de literatura em Bioética que seja especialmente dirigida aos Internos. De facto, na literatura da área, o Interno é na maioria das vezes considerado ou como ainda pertencente ao “grupo” dos Estudantes de Medicina ou já enquadrado no perfil dos *senior doctors*. [3] Penso que não somos iguais aos primeiros. Reflectindo um pouco mais, também não nos “encaixamos com fluidez” nos segundos. O nosso dia-a-dia é pautado por um sem número de desafios, questões, situações e dilemas tão “nossos”, tão próprios da nossa condição, tão específicos de... sermos Internos! E vou tentar explicar-vos porquê.

O papel dos Estudantes de Medicina é bastante mais claro, nem que seja do ponto de vista institucional. São “aprendizes” cuja tarefa é passar o dia no Hospital a aprender sobre “o que é ser Médico”, numa laboriosa preparação para suas responsabilidades futuras. Sim, é verdade... Somos um bocadinho parecidos com os Estudantes de Medicina: o nosso dia é pautado por uma tentativa constante de apreensão de conceitos relacionados com a nossa especialidade e de aprendizagem de gestos clínicos que a cada dia nos tornam mais autónomos. Iguamente ao Estudantes, ocupamos geralmente a posição inferior de hierarquias muito estruturadas e somos orientados e ensinados “pelos mais velhos”. No entanto, ao contrário dos Estudantes de Medicina, já temos muitas responsabilidades: damos consultas, fazemos urgências, pensamos em diagnósticos para doentes “reais”, que estão sentados à lâmpada de fenda à nossa frente, planeamos terapêuticas, prevemos prognósticos, damos altas, mantemos registos médicos... e assim nos afastamos da realidade mais “escolar” e teórica dos Estudantes.

Adicionalmente, todos os dias somos confrontados com a necessidade de desempenhar múltiplos papéis. Fazendo uma analogia com um polvo com os seus muitos tentáculos, também nós nos esforçamos para tentar “dar resposta” a tantas solicitações. Em primeiro lugar, somos “médicos responsáveis” e, como o adjectivo indica, temos muitas responsabilidades. Segundo, somos um “recurso humano” nos nossos serviços: trabalhamos por vezes horas intermináveis, naqueles períodos que os anglo-saxónicos apelidam de *anti-social hours*, de forma exigente, em rotações e mudanças de estágio frequentes e, muitas das vezes, pré-estabelecidas por alguém que não nós. Seguidamente, somos ainda estudantes, com a obrigação de aprender, ler constantemente, consolidar conhecimentos e produzir literatura científica que seja o reflexo do trabalho diário nos nossos serviços. Finalmente, não esquecer o nosso papel de “professor”: Quanto de nós, em anos mais avançados do Internato, não estendem a “mão” e explicam ao Interno mais novo, que acabou de entrar, um procedimento? Em suma, são múltiplos os papéis que assumimos todos os dias do nosso Internato.

Preocupações Bioéticas de uma Interna de Especialidade

De acordo com a literatura, é geralmente a tensão desencadeada pela interacção entre estes múltiplos papéis que pode condicionar alguns dilemas éticos “típicos” do Interno. Efectivamente, McDougall exemplifica de forma viva e brilhante com a situação da punção lombar: o Interno estudou o procedimento detalhadamente e sabe todos os passos, preparação e complicações associadas. Adicionalmente, já viu o seu tutor fazê-lo incontáveis vezes. É capaz de rever mentalmente todos os passos necessários à sua execução. Mas é a primeira vez que vai realizar. Interiormente, teme pelo doente deitado na cama à sua frente... sabe que as mãos do seu tutor são mais experientes e causariam menos dor. Após estes momentos de hesitação, pega na agulha de punção lombar: tem de aprender a fazer de forma a poder beneficiar os outros muitos doentes que aparecerão no decorrer da sua vida clínica. [4]

Assim, apesar de nós Internos vivenciarmos dilemas éticos idênticos aos *senior doctors*, tais como contar a verdade, confidencialidade e consentimento informado, continuamos a partilhar aspectos em comum com os Estudantes de Medicina que já não somos: a inexperiência, o medo de falhar e o trabalho em hierarquias altamente organizadas nas quais ocupamos uma posição de base. [3] Os múltiplos papéis desempenhados referidos anteriormente, levam então a que os internos sejam caracterizados por aspectos éticos muito específicos que nos distanciam indubitavelmente dos dois grupos mencionados. [5] [3] [4]

Concluo, assim, que o período de Internato médico é pautado por características que fazem dele, por um lado, uma época ímpar e inolvidável nas nossas vidas e, por outro, nos conferem atributos que nos distanciam quer dos Estudantes de Medicina, quer dos médicos Especialistas. Torna-se então fundamental a produção de literatura em Bioética que seja especialmente dirigida aos Internos, colocando problemáticas próprias da nossa actividade e dos dilemas que encontramos, na nossa especificidade bioética. Esta especificidade que é tão única. Que é tão nossa. Que nos dá esta identidade tão própria: a de sermos Internos.

Bibliography

- [1] S. Mills et D. C. Bryden, «A practical approach to teaching medical ethics,» *Journal of Medical Ethics*, vol. 36, pp. 50-54, 2010.
- [2] F. Claudot, F. Alla et X. Ducroq, «Teaching ethics in Europe,» *Journal of Medical Ethics*, vol. 33, pp. 491-495, 2007.
- [3] R. S. D. K. Mc Dougall, «The ethical junior: a typology of ethical problems faced by house officers,» *Journal of the Royal Society of Medicine*, vol. 101, pp. 67-70, 2008.
- [4] j. d. a. r. v. Mc Dougall R. Futile treatment, «Futile treatment, junior doctors and role virtues,» *Journal of Medical Ethics*, vol. 37, pp. 646-649, 2011.
- [5] R. Mc Dougall, «The junior doctor as ethically unique,» *Journal of Medical Ethics*, vol. 34, pp. 268-270, 2008.
- [6] M. D. R., «Combating junior doctors "4 am logic"; a challenge for medical ethics education,» *Journa of Medical Ethics*, vol. 35, pp. 203-206, 2009.
- [7] M. Guillemin et L. Gilliam, «Telling moments: everyday ethics in health care,» *Melbourne, IP Communications*, 2006.
- [8] S. T. Law, «The teaching of ethics in Europe,» *Journal of Medical Ethics*, vol. 11, pp. 37-38, 1985.